



## Apresentação

No mês de janeiro de 2020, pouco antes da pandemia atingir o país e suspender, quase que completamente, festas literárias e iniciativas editoriais de fôlego, celebrou-se discretamente o centenário de João Cabral de Melo Neto, uma das vozes mais singulares da poesia brasileira moderna. Talvez o momento não parecesse particularmente propício a poetas, e o rigor da obra multitudinária de Cabral – que combina cálculo e acúmulo, confiança e desconfiança em relação à literatura – não estimula comemorações efusivas ou grandes acontecimentos mercadológicos. A dimensão crítica e negativa de sua poesia ficou mais evidente do que nunca, dado o contexto de sua rememoração mais recente. E quem sabe por isso mesmo seus poemas se revelaram ainda mais necessários. Um poeta que duvida da palavra fácil, da melodia insidiosa dos discursos convencionais, e aposta na carnalidade das coisas concretas, no seu valor simples, é um antídoto possível contra as mistificações autoritárias que nos cercam, contra a banalidade verborrágica feita de lugares-comuns e violência retórica.

A edição de *O Eixo e a Roda* que agora entregamos ao leitor traz, como destaque, um dossiê dedicado ao poeta de *A educação pela pedra*. A organização deste número quer tomar parte nas comemorações da vida e do legado de João Cabral de Melo Neto, reunindo contribuições que procuram observar a sua poesia por ângulos distintos daqueles já tradicionais na sua fortuna crítica. Os oito artigos que o compõem têm como traço comum a diversidade de escopos e objetivos. Os textos de José Roberto Araújo de Godoy e Laíse Ribas Bastos apostam na análise de fundo comparativo e no diálogo (poético e epistolar) com outros autores como modo de aproximação à obra cabralina. Neles são considerados, respectivamente, os poetas Joaquim Cardozo e Domingos Carvalho da Silva. Por sua vez, Solange Fiúza procura discutir a revista *O cavalo de todas as cores*, projeto editorial desenvolvido por Cabral no início da década de 1950, de modo a explicitar que elementos dessa empreitada estariam relacionados com os livros que escreveu no período e com as discussões políticas nas quais se

envolveu. Tanto Maurício Ayer & Eduardo Dimitrov quanto Fabiane Renata Borsato escolhem discutir a presença de temas transversais na obra do poeta, ambos pouco frequentados pela crítica: a presença da cachaça, sua relação com a cultura pernambucana e os sentidos que a metáfora da destilação tem em Cabral (caso de Ayer & Dimitrov); a recorrência dos cemitérios na antilira cabralina, a ligação que mantém com o mundo social miserável e injusto representado pelo poeta (caso de Borsato). Renan Nuernberger também se debruça sobre uma questão de fundo na poética de Cabral, o tempo, tentando mostrar como, para além da estabilidade e solidez da *pedra*, imagem recorrente no poeta, se desenvolve em seus versos uma reflexão complexa sobre o descompasso e a dissolução, formas de atuação menos previsíveis e controláveis do tempo sobre as coisas e os seres. Por fim, Edneia Rodrigues Ribeiro e Éverton Barbosa Correia focalizam períodos e livros específicos do poeta, procurando localizar nessas porções determinadas da obra características assimiláveis à poética desenvolvida por Cabral. Edneia se concentra em *Museu de tudo*, interrogando a natureza dúbia do projeto que ali se materializa, e que gira em torno à ideia da acumulação e do contraste. Éverton, por seu turno, se volta para os últimos livros do poeta, interessado na estrutura compositiva mesma dos volumes, que se faz, recorrentemente, a partir da retomada de um poema publicado em livro anterior e que, ao ganhar corpo em outra coletânea, ajuda a compor o sentido serial e orgânico que o poeta buscava imprimir em seus livros.

Além do *Dossiê*, integra a edição atual de *O Eixo e a Roda* a seção “Varia”, na qual estão enfeixados textos sobre Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Octávio de Faria e Geovani Martins.

Boa leitura.

Ana Porrúa  
Gustavo Silveira Ribeiro  
Marcos Siscar